

# Vulnerabilidades de mulheres em situação de rua: marcadores sociais de gênero e raça/cor\*

Vulnerabilities of homeless women: social markers of gender and race/color

## Como citar este artigo:

Barros KCC, Moreira RCR, Oliveira JF, Nascimento DFB, Jesus MEF, Ferreira RBS. Vulnerabilities of homeless women: social markers of gender and race/color. Rev Rene. 2022;23:e80608. DOI: <https://doi.org/10.15253/2175-6783.20222380608>

-  Keila Cristina Costa Barros<sup>1</sup>
-  Rita de Cássia Rocha Moreira<sup>2</sup>
-  Jeane Freitas de Oliveira<sup>1</sup>
-  Daine Ferreira Brazil do Nascimento<sup>1</sup>
-  Marília Emanuela Ferreira de Jesus<sup>1</sup>
-  Ricardo Bruno Santos Ferreira<sup>1</sup>

\*Extraído da dissertação “Mulheres que gestam nas ruas e suas vivências de cuidado: estudo à luz da fenomenologia heideggeriana”, Universidade Estadual de Feira de Santana, 2019.

<sup>1</sup>Universidade Federal da Bahia.  
Salvador, BA, Brasil.

<sup>2</sup>Universidade Estadual de Feira de Santana.  
Feira de Santana, BA, Brasil.

## Autor correspondente:

Keila Cristina Costa Barros  
Universidade Federal da Bahia,  
Rua Basílio da Gama, 241, CEP: 40110-040,  
Canela. Salvador, Bahia, Brasil.  
E-mail: keilaccosta@hotmail.com

**Conflito de interesse:** os autores declararam que não há conflito de interesse.

EDITOR CHEFE: Ana Fatima Carvalho Fernandes  
EDITOR ASSOCIADO: Francisca Diana da Silva Negreiros

## RESUMO

**Objetivo:** desvelar as vulnerabilidades de mulheres em situação de rua vinculadas aos marcadores sociais de gênero e raça/cor. **Métodos:** estudo qualitativo, desenvolvido com dez mulheres em situação de rua por meio de observação participante, diário de campo e aplicação de questionário sociodemográfico, sistematizados com base na análise de conteúdo. **Resultados:** verificou-se que a identidade de gênero e a raça/cor atuam como potencializadores da situação de vulnerabilidade das mulheres. Acredita-se que o racismo estrutural e o machismo se retroalimentam nas ruas e se perpetuam em um ciclo perverso de negação de direitos às mulheres, que se potencializa pela omissão do Estado e extensa desigualdade social e econômica. **Conclusão:** o gênero e a raça/cor potencializam as vulnerabilidades de mulheres em situação de rua que interseccionam as condições sociais precárias, a negação de direitos e favorecem o adoecimento. **Contribuições para a prática:** apresentar informações que possibilitem reflexões e criação de estratégias de cuidado dispensado às mulheres em situação de rua, compreendidas em suas singularidades.

**Descritores:** Pessoas em Situação de Rua; Vulnerabilidade Social; Estudos de Gênero; Grupos Raciais; Mulheres.

## ABSTRACT

**Objective:** to unveil the vulnerabilities of homeless women linked to the social markers of gender and race/color. **Methods:** qualitative study, developed with ten homeless women through participant observation, field diary, and sociodemographic questionnaire, systematized based on content analysis. **Results:** it was found that gender identity and race/color act as potentiators of the situation of vulnerability of women. It is believed that structural racism and machismo feed back into the streets and perpetuate themselves in a perverse cycle of denial of women's rights, which is potentiated by the omission of the State and extensive social and economic inequality. **Conclusion:** gender and race/color potentiate the vulnerabilities of homeless women that intersect precarious social conditions, denial of rights, and favor illness. **Contributions to practice:** to present information that enables reflections and creation of care strategies for homeless women, understood in their singularities.

**Descriptors:** Homeless Persons; Social Vulnerability; Gender Studies; Racial Groups; Women.

## Introdução

A população em situação de rua é composta por um público heterogêneo, que utiliza espaços públicos e áreas degradadas como formas de habitação. Além disso, o grupo possui inúmeras características comuns, como a pobreza extrema, o rompimento ou fragilidade com o vínculo familiar e a ausência de moradia convencional<sup>(1)</sup>. Nesse contexto, nota-se que viver no cenário das ruas é uma tarefa complexa, uma vez que se trata de um *locus* de conflitos e contradições sociais, sobretudo, pela desigualdade de direitos em relação aos demais que vivem em sociedade<sup>(2)</sup>.

Os dados de caracterização da População em Situação de Rua do I Censo da Pesquisa Nacional sobre a População em Situação de Rua realizado nos anos 2007/2008 em 71 cidades brasileiras, identificaram um total de 31.922 pessoas vivendo nas ruas. O perfil prevalente desse grupo é composto por homens (82%), de raça/cor negra (67%), com baixa escolaridade (63,5%), que vivem em situação de rua há mais de dois anos (48,4%)<sup>(3)</sup>. Salienta-se que, apesar de ser minoria numérica, as mulheres em situação de rua se configuram em um grupo que possui vulnerabilidade potencializada pelas questões inerentes tanto em relação à identidade de gênero quanto à raça/cor, uma vez que as mulheres estão expostas a diversas formas de violências e violações, tais como: racismo, estupro, abusos físicos, psíquicos e emocionais<sup>(4-6)</sup>.

Desse modo, a vulnerabilidade, termo que mediará as análises desse estudo, se configura como um indicador da iniquidade e de desigualdade social que, em um conceito multidisciplinar, inclui não apenas a detecção de fragilidades de grupos e indivíduos, mas também a capacidade de enfrentamento dos problemas e/ou agravos, dentre eles, os de saúde<sup>(7)</sup>.

As questões suscitadas neste estudo emergem com base em pressupostos teóricos que vão ao encontro de tais questões à medida que fortalecem a necropolítica relacionada à população em situação de rua, população essa hegemonicamente negra. Pessoas periféricas e/ou em vulnerabilidade social são as que mais sofrem pela omissão do Estado, e as mulhe-

res nesse contexto se veem abatidas por inúmeras questões sociais e de saúde, oriundas das questões de gênero e raça/cor, aspectos que tornam esse trabalho relevante por fomentar esses marcadores que impactam diretamente o cotidiano de mulheres em situação de rua<sup>(8)</sup>.

Além da questão social, o estudo preenche uma importante lacuna na literatura. Em pesquisa realizada com os descritores “pessoas em situação de rua” e “mulheres” e seus respectivos correspondentes em inglês nas bases *Scientific Electronic Library Online* (SciELO) e *Medical Literature Analysis and Retrieval System Online* (MEDLINE) foram encontrados 142 estudos com temática relacionada, entretanto, nenhum deles abarcou o conteúdo de diário de campo dos pesquisadores, o que reflete o ineditismo do estudo. Nesse sentido, este estudo teve como objetivo desvelar as vulnerabilidades de mulheres em situação de rua vinculadas aos marcadores sociais de gênero e raça/cor.

## Métodos

Trata-se de uma pesquisa qualitativa, desenvolvida com mulheres em situação de rua no município de Feira de Santana, considerada segunda maior cidade do Estado da Bahia, Brasil, com população estimada em 556.642 habitantes<sup>(9)</sup>.

A aproximação com as participantes da pesquisa ocorreu por meio do projeto social intitulado “Cuidando da Maloca”, o qual se propõe, desde 2017, desenvolver cuidados de Enfermagem de forma voluntária e itinerante para essa população no município estudado, sendo premiado em 2021 pelo Conselho Federal de Enfermagem do Brasil, passando a compor o conjunto de Iniciativas do *Nursing Now* Brasil. A aproximação se deu também, através do Movimento Nacional da População de Rua núcleo Feira de Santana, o qual uma das pesquisadoras é integrante. Este coletivo da sociedade civil tem como marca a convivência na rua, a participação no controle social, integrando as pessoas em situação de rua junto à administração pública, com a finalidade de buscar soluções para os problemas sociais das comunidades que

vivem nas ruas, construindo a ocupação dos espaços de direitos – como as assembleias e conselhos. Preza pela produção científica, com intuito de ampliar os conhecimentos e pesquisas sobre a temática, e realiza monitoramento da efetivação dos direitos assistidos a essas pessoas.

A produção dos dados ocorreu entre os meses de março e maio de 2019 por meio de observação participante com registros em diário de campo e questionário sociodemográfico. A coleta foi realizada por duas pesquisadoras, sendo uma doutora em enfermagem, com vasta experiência em saúde da mulher e uma enfermeira, mestranda, com importante produção de pesquisa e extensão com pessoas em situação de rua.

O diário de campo se configura como um registro pessoal de observações que pode ser utilizado em pesquisas para registrar todos os achados inerentes às interações sociais, ambientais, comportamentos, reações e sentimentos<sup>(10)</sup>. Dessa forma, configurou-se um instrumento fundamental para observação e anotação sistemática acerca do cotidiano das mulheres em situação de rua. Já o questionário sociodemográfico teve como finalidade primária a caracterização do grupo estudado com relação às seguintes variáveis: raça/cor, estado civil, escolaridade, número de filhos e tempo que vive nas ruas.

O *locus* da pesquisa contava com 237 pessoas em situação de rua. No momento do recrutamento houve aproximação com 13 mulheres em situação de rua, as quais foram convidadas a participar da pesquisa e, destas, 10 mulheres aceitaram voluntariamente e assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. A não aceitação por três mulheres para a participação da pesquisa foi decorrente da dinâmica do contexto das ruas as quais vivenciavam no momento, impossibilitando sua participação. Foram incluídas mulheres com idade igual ou superior a 18 anos que vivenciavam a situação de rua. Foram excluídas as mulheres que aparentavam sinais de alterações psíquicas e/ou emocionais que as impossibilitasse de estabelecer interação com a pesquisadora.

Os dados sociodemográficos foram tabulados

em planilha do *Microsoft Excel*, modelo 2020, e as anotações do diário de campo foram transformadas em textos “gerando informações uniformes e padronizadas”<sup>(10:558)</sup>. A sistematização dos dados ocorreu segundo a proposta da análise temática durante as etapas de pré-análise, descrição analítica e interpretação inferencial<sup>(11)</sup>. A análise do material empírico foi guiada pelo aporte teórico de vulnerabilidade relacionada aos marcadores sociais de gênero e raça/cor. Assim, os processos discriminatórios não são compreendidos dicotomicamente e nem se propõem mera adição de discriminações, mas sim, abarcar as complexidades dos atravessamentos dessas discriminações, possibilitando a compreensão das condições específicas que delas decorrem<sup>(12)</sup>.

A fim de manter o anonimato, foi assegurado às participantes o direito de escolha do codinome, que contemplou nomes de praças do município de Feira de Santana-BA, Brasil, com as quais elas pudessem se identificar pelas convivências, singularidades, relações e afetos que construíram nesses espaços. Para diferenciação daquelas que escolheram o mesmo codinome, utilizou-se, de forma complementar, números em ordem crescente.

O estudo respeitou resoluções 466/12 e 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde e a declaração de Helsinque, que versam sobre o envolvimento de seres humanos em pesquisas. Dessa forma, o projeto foi aprovado pelo Comitê de ética em Pesquisa da Universidade Estadual de Feira de Santana, sob o parecer 2.686.905/2018 e Certificado de Apresentação de Apreciação Ética nº 9615815.0.0000.0053.

## Resultados

A maioria das participantes se autodenominou: raça/cor negra; solteira; com idade entre 24 a 46 anos; economicamente ativas; com escolaridade do ensino fundamental; ter mais de um filho; nascidas e moradoras em Feira de Santana-BA; e vivendo em situação de rua há mais de nove anos. As características sociodemográficas das participantes estão apresentadas na Figura 1.

Participantes	Raça/Cor	Estado civil	Escolaridade	Número de filhos	Tempo que vive nas ruas (anos)
Kalilândia 1	Preta	Outro	Ensino fundamental até o 9º ano	1	≥ 9
Kalilândia 2	Preta	Outro	Ensino fundamental até o 9º ano	3	≥ 9
Kalilândia 3	Preta	Solteira	Ensino fundamental até o 5º ano	1	≥ 9
Bandeira 1	Branca	Outro	Ensino fundamental até o 5º ano	7	≥ 5 e ≤ 8
Bandeira 2	Preta	Solteira	Ensino fundamental até o 9º ano	2	≥ 9
Bandeira 3	Branca	Solteira	Ensino fundamental até o 9º ano	4	≥ 9
Matriz 1	Preta	Solteira	Ensino médio incompleto	2	≥ 9
Matriz 2	Parda	Solteira	Ensino médio incompleto	1	≥ 9
Matriz 3	Preta	Solteira	Ensino fundamental até o 9º ano	5	≥ 5 e ≤ 8
Matriz 4	Branca	Solteira	Ensino fundamental até o 5º ano	5	≥ 9

**Figura 1** – Aspectos sociodemográficos das mulheres em situação de rua (n=10). Feira de Santana, BA, Brasil, 2019

As anotações de campo e a aplicação do questionário possibilitaram a apreensão das características sociodemográficas, sendo possível cruzar os dados e lançar um olhar qualitativo em relação ao existir dessas mulheres. Dessa forma, emergiram três categorias para análise: Mulheres em situação de rua: desafios enfrentados; e Raça/cor como potencializador da vulnerabilidade de mulheres em situação de rua.

### Mulheres em situação de rua: desafios enfrentados

Com base nas anotações no diário de campo, percebe-se que, para as participantes, viver na rua implica enfrentamento de desafios, sobretudo, para alcançar direitos básicos como encontrar locais seguros para dormir, vestir e comer e exposição ao álcool e outras drogas: Kalilândia 1, 36 anos, nascida em Salvador-BA, informa que já esteve em vários estados. Hoje se fixou em Feira de Santana, por causa de um companheiro. Mas conta, que viver na rua sempre foi muito ruim, difícil e desagradável. Um dos maiores problemas encontrados é a dormida. Disse que certa vez ficou dormindo escondido dentro de um carro quebrado, em uma oficina, mas o dono a descobriu e colocou para correr, e passou a dormir na rua. Passados alguns dias, encontrou outro carro quebrado e usou como local para dormir, foi novamente expulsa. Depois disso passou a dormir em uma igreja (Anotações de campo 20/04/2019). Kalilândia 3, 43 anos, chorosa, conta que foi viver nas ruas devido o desemprego, e assim

começou a morar em casas abandonadas, mas devido a dívidas com traficantes, teve que sair dessa casa, perdendo todas as suas coisas, inclusive as documentações. Relata que viver nessa vida é horrível, pois precisa depender das pessoas, para comer, se vestir, e que por esse motivo começou a beber descontroladamente. Hoje informa que faz uso do álcool de forma controlada (Anotações de campo 10/05/2019).

As anotações no diário de campo apontaram que ser do sexo feminino por si só, impõe vulnerabilidades para agravos e danos à saúde, as quais ficam, ainda mais evidentes no contexto da rua, tornando-se frequentemente situações de violências de diversas formas: Encontrei Matriz 4, mulher, 36 anos, na rua de um dos bairros do município de Feira de Santana. Aparentemente abatida, aparentando mais idade, seu semblante reflete tristeza. Está com o braço esquerdo engessado. Questionada se precisava de ajuda com a situação do braço, informou que não, e começou a relatar que seu ex-companheiro, que também vive em situação de rua, quebrou seu braço por não aceitar a separação, que não respeita ela por ser mulher e frequentemente sofre agressões por parte dele. Questiona a atuação da justiça na proteção das mulheres diante de discriminação por parte dos homens, que se acham donos das mulheres e que é obrigada a ficar com o companheiro mesmo sem querer. Informa ainda que está passando as noites na Rodoviária e bastante temerosa de encontrar seu ex-companheiro e sofrer novas situações de violência. Teme, também, pelas violências presentes nas ruas (violência conjugal, sociais). Que dormir com os dois olhos fechados para quem mora na rua não é uma opção (Anotações de campo 10/04/2019). Matriz 3 é uma mulher de 27 anos com um histórico de uso abusivo de substâncias psi-

coativas, mãe de 5 filhos, os quais encontram-se sob guarda de uma tia. Semblante triste. Começou a relatar que a mulher que vive na rua enfrenta muitas dificuldades, muitas vezes precisa se prostituir, tem que se “virar nos trinta”, que é muito ruim. Diz que para os homens é mais fácil, para ele correr atrás, mas para a mulher não, que o povo sempre quer alguma coisa em troca, quer comprar o nosso corpo (Anotações de campo 20/03/2019). Em uma terça-feira chuvosa, desenvolvendo atividades no contexto de rua, Bandeira 2, mulher de 33 anos, me chama, informando que gostaria de conversar. Encontrava-se machucada, olhos com manchas vermelhas, presença de edema e roxidão. Frequentemente a encontrava nas convivências. Relata que havia brigado com o companheiro, pois ele estava achando que ela estava o traindo. Que estava cansada dos homens só querer saber de bater e humilhar as mulheres e começa a chorar (Anotações de campo 15/05/2019). Nas atividades do Cuidando da Maloca observei Bandeira 3, mulher de 41 anos. Estava de turbante, e ao me aproximar e identificar-me como enfermeira, ela relata que o companheiro a agrediu, batendo com uma faca na sua cabeça. Tirou o turbante, que estava servindo para esconder o ferimento, o qual se apresentava infectado. E revoltada diz: Esse homem (aponta para o companheiro) me bate, me morde, fala que tenho outro e fica me humilhando, e dizendo que vai me matar. Realizamos a limpeza do ferimento e curativo e ficamos ali, eu e a equipe, escutando seus desabaços (Anotações de campo 05/04/2019).

### **Raça/cor como potencializador da vulnerabilidade de mulheres em situação de rua**

Nessa última categoria, foi possível perceber que, no contexto de rua, as mulheres são majoritariamente negras e pobres, logo, estão sujeitas a desdobramentos do racismo e pobreza: a discriminação, acometimento de doenças crônicas e a falta de acesso aos serviços de saúde, conforme os registros a seguir: Kalilândia 2, mulher negra, 28 anos, que vive nas ruas a mais de nove anos. Trabalha nas ruas vendendo doce e como “flanelinha” (atividade de “olhar”, “guardar” os carros). É uma mulher conhecida por grande parte das pessoas em situação de rua do município, por apresentar-se destemida e enfrentar tudo e todos, não tem “papa na língua”. Como ela mesma diz: pra viver nas ruas tem que ter “sangue no olho”. Num encontro anterior mostrava-se revoltada, com o braço engessado em decorrência de ação da segurança pública que a agrediu verbalmente

e fisicamente, chamando de *neguinha sacizeira*, *neguinha vagabunda*, realizando uma abordagem truculenta, que resultou na fratura do seu membro. (Anotações de campo 05/05/2019). Matriz 1, mulher negra, 46 anos, considerada a “mãe da maloca”. É muito respeitada pelas pessoas em situação de rua, do município. É uma mulher de muitas histórias pelas vivências nas ruas. Refere várias patologias, consequente desse contexto de vida: glaucoma, hipertensão arterial, diabetes, problemas no coração, já teve tuberculose e problemas respiratórios por causa do pó do papelão. Relata dificuldades de acesso aos serviços de saúde por conta de olhares e atitudes preconceituosas e discriminatórias, como privilegiar nos atendimentos pessoas brancas, tratar de forma diferente, com mais respeito (Anotações de campo 22/03/2019).

### **Discussão**

Sob a influência do movimento feminista, com base na interseccionalidade, as características socio-demográficas revelaram diversas vulnerabilidades individuais, como a prevalência de mulheres de raça/cor negra; com pouca escolaridade; elevado número de filhos; e longo tempo residindo na rua. Trata-se de um contexto complexo, alimentado historicamente pelo racismo estrutural que determina as condições de vida de pessoas negras, marcadas por adoecimento físico e mental, uso abusivo de substâncias psicoativas e doenças crônicas quando comparado à população que não vive nas ruas<sup>(13)</sup>. É também representada por um elevado número de mães solteiras, responsabilizadas socialmente de forma exclusiva pela criação dos filhos<sup>(14)</sup>.

A interseccionalidade construiu um modelo teórico para a compreensão das condições de subordinação e de opressão das mulheres bem como apontou as estratégias de superação da dominação a partir da luta feminista<sup>(12)</sup>. Nesse sentido, pensar na interseccionalidade com base na vivência de mulheres em situação de rua perpassa pelos marcadores sociais de gênero e raça de forma imbricada e simultânea, possibilitando analisar os múltiplos e concomitantes sistemas de opressão.

No Brasil, o enfoque da categoria gênero liga-

do à saúde surgiu em meados dos anos 1990 quando se discutia a qualidade da assistência à saúde da mulher como também a eliminação das desigualdades de acessos aos bens de serviços de saúde pelas mulheres e grupos excluídos da sociedade<sup>(12)</sup>. Nesse sentido, ao analisarmos as vulnerabilidades de mulheres em situação de rua diante dos marcadores sociais de gênero e raça/cor com base nos dados nas cenas observadas e nos registros do diário de campo, fica evidentes a exposição a diversos tipos de violências físicas, psicológicas e sexuais. A hegemonia e dominação masculina potencializam o repertório de agressões quando dizem respeito à vida social feminina no cenário da rua<sup>(15)</sup>.

Destacam que a ida das mulheres para as ruas está relacionada a experiências progressivas vivenciadas desde a infância, como abuso físico e emocional, maus tratos, exploração financeira, intimidação sexual, estresse ambiental, exposição ao crime e subjugação sistêmica<sup>(16)</sup>. Nota-se, assim, que independentemente do país onde a mulher se encontra, os marcadores de raça, classe e gênero se mostram-se presentes e a subjugação do seu corpo está enraizado de forma hegemônica.

Em face de violências, vulnerabilidades e opressões muitas mulheres preferem informar que são solteiras, o que é salientado na identificação sociodemográfica, mesmo possuindo um companheiro como observado na convivência com essas mulheres e registrado em diário de campo. Essa característica, também é oriunda de laços familiares rompidos, situação muito comum entre as pessoas em situação de rua, o que faz com que algumas mulheres nessa condição de rua não considerem seu estado civil como união estável<sup>(2)</sup>. Neste estudo, foi revelada a separação mãe/filho por ação do Conselho Tutelar. Para mulheres em contexto de rua, essa ocorrência de filhos que vivem em instituições do Estado ou com parentes é comum<sup>(6)</sup>, fazendo com que, muitas vezes ocorra a perda do vínculo mãe-filho<sup>(17)</sup>.

O Estado, sob a penumbra do “cuidado”, usa da prerrogativa dos direitos humanos e proteção dos me-

nores e vulneráveis para adquirir a guarda da criança. Implicitamente, interpretam essas mulheres como um peso para a sociedade e redirecionam crianças para o sistema de acolhimento institucional, inserindo-as em novas famílias, distanciando-as de suas mães biológicas<sup>(16)</sup>. Assim, faz-se necessário pensar em políticas públicas e de saúde intersetoriais, que possam atender essas mulheres de forma integral, que sejam capazes de garantir o direito de maternar nas ruas com todos os cuidados necessários e legítimos pela Constituição Federal.

As relações de gênero estabelecem inserções que se entrelaçam e interseccionam com outros marcadores que demarcam as condições de opressão. Assim, outro marcador social que impacta, com relevância, as mulheres em situação de rua é a raça/cor, uma vez que 89% das pessoas em situação de rua em Feira de Santana são de raça-cor negra<sup>(2)</sup>. Foi possível constatar que o racismo permeia toda a condição de viver na rua. Trata-se de uma ferramenta de exclusão e violência que, ao lado das questões de gênero, coisificam os corpos e a vida das mulheres negras em situação de rua.

Acredita-se que racismo evidenciado tem característica estruturante, uma vez que reproduz um sistema de opressão cuja ação transcende a mera formatação das instituições, perpassando desde a apreensão estética a todo e qualquer espaço nos âmbitos público e privado<sup>(18)</sup>. A violência materializada nas ações truculentas das forças de segurança pública durante a tentativa de garantia de subsistência é um exemplo a ser citado.

O racismo estruturante está presente na configuração da sociedade e, por ela, é naturalizado. Por corresponder a uma estrutura, é relevante destacar que a discriminação racial não está apenas no plano da consciência, mas também intrínseco ao inconsciente. Assim, o racismo está imbricado socialmente, sendo apropriado para manter, reproduzir e recriar desigualdades e privilégios, revelando-se como mecanismo para perpetuar o atual estado das coisas<sup>(18)</sup>.

Além disso, o racismo, ao criar barreiras para

o acesso aos bens e serviços, contribui para o fortalecimento de diversas outras formas de desigualdades. Dessa forma, o racismo atua como um determinante social da saúde, expondo as mulheres negras a situações de vulnerabilidades que culminam em adoecimento e morte<sup>(18)</sup>. No que tange às questões de saúde, dados levantados pela Política Nacional de Saúde Integral da População Negra pontuam que a população negra apresenta maior prevalência de inúmeras doenças crônicas como hipertensão (44,2%) e diabetes (12,7%), quando comparadas à população branca (22,1% e 6,2% respectivamente). O mesmo acontece em relação às doenças cardíacas, a asma e as doenças negligenciadas, como, por exemplo, a tuberculose<sup>(19)</sup>. Dessa forma, pode-se inferir que a vivência em situação de rua se constitui em mais um fator de agravamento para vida e saúde de mulheres, sobretudo, as mulheres negras que, além de possuírem carga de doença crônica associada à sua raça/cor, sofrem com as iniquidades no acesso aos serviços de saúde.

Acrescenta-se, ainda que essas questões levantadas de raça e gênero são potencializadas pela variável classe. No Brasil, os indicadores sociais mostram que as pessoas de raça/cor negra apresentam os piores indicadores de educação, saúde, renda, habitação, e maior taxa de mortalidade por causas evitáveis, e residem em áreas desprovidas de infraestrutura básica<sup>(18)</sup>.

No que se refere à escolaridade, evidenciou-se que as mulheres em situação de rua possuem apenas o ensino fundamental (incompleto ou completo). Acredita-se que a baixa escolaridade intensifica a condição de pobreza, uma vez que dificulta o acesso ao emprego e à renda. Além disso, a escola também se configura como um potente espaço de convivência e sociabilidade, contribuindo para o empoderamento desses indivíduos sobre os seus direitos de cidadão. Observa-se também, como no estudo realizado em Governador Valadares, no Estado de Minas Gerais, com pessoas em situação de rua, que muitas dessas pessoas desejam voltar a estudar, o que evidencia a necessidade de inclusão dessas pessoas nas escolas pelas re-

des de assistência e de apoio do município e Estado<sup>(20)</sup>.

No que tange ao tempo que vive nas ruas, a identificação dos aspectos sociodemográficos mostra que as participantes possuem mais de nove anos de vivência nas ruas. O I Censo e Pesquisa Nacional sobre a População em Situação de Rua<sup>(3)</sup> vai ao encontro dos resultados obtidos nesta pesquisa, apontando a cronificação desse fenômeno. Cronificação essa que, em muitos casos, provoca a deterioração dos vínculos familiares, comprometendo as relações de trabalho formal, estudo, como também dos cuidados dos filhos<sup>(1)</sup>.

As anotações trazidas contextualizam a precarização na qual essas mulheres estão inseridas, demonstrando uma vida indigna de ser vivida. É nesse contexto que essas mulheres em situação de rua estão inseridas, configurando uma condição de vida degradante, fincadas em uma classe desfavorecida da sociedade. E, a partir das intersecções dessa condição social, atravessada com questões de gênero e raça, estrutura-se uma sociedade baseada em pilares de injustiças e de relações dominantes.

Desta forma, torna-se relevante ampliar pesquisas com pessoas em situação de rua, sobretudo, com mulheres, visando minimizar as vulnerabilidades vivenciadas pelas mesmas. Ademais, fica evidente a necessidade de implementar e/ou implantar estratégias de cuidado, especialmente, em relações às práticas de saúde, que contemplem as especificidades individuais e coletivas de pessoas que vivem em situação de rua.

Espera-se que essa pesquisa possa alcançar diferentes profissionais da área de saúde, entre eles, as enfermeiras, e a sociedade de um modo geral, como forma de possibilitar reflexões para o cuidado, acolhimento e assistência das mulheres em situação de rua.

## Limitações de estudo

Podemos elencar como limitação do estudo, o fato de ter sido desenvolvido em um contexto específico, uma vez que a coleta de dados foi restrita às mulheres em situação de rua residente em Feira de

Santana-Ba. Dessa forma, os resultados são específicos para esse grupo de mulheres, o que impossibilita generalizações para outros contextos. Contudo, apesar dessa limitação, os achados podem servir de subsídios para que estratégias mais efetivas de cuidado sejam dispensadas, chamando a atenção tanto da comunidade científica para a necessidade de elaboração de estudos em outros contextos quanto dos gestores públicos para garantia do direito à cidadania.

## Contribuições para a prática

Apresentar informações que possibilitem reflexões e criação de estratégias de cuidado dispensado às mulheres em situação de rua, compreendidas em suas singularidades. É preciso conhecer para acolher. Sem dúvidas, as informações aqui apresentadas poderão contribuir para a formulação de ações que viabilizem o cuidado de pessoas em situação de rua, em especial, as mulheres.

Acredita-se que os achados podem contribuir para a apreensão dos atravessamentos que perpassam a vida das mulheres em situação de rua, identificando os processos de opressão, vulnerabilidade, violência e violação de direitos que marcam suas vivências.

## Conclusão

Conclui-se que para as mulheres em situação de rua, o gênero e a raça/cor potencializam suas vulnerabilidades, repercutindo em condições sociais precárias e negação de direitos. Para o existir dessas mulheres, tais vulnerabilidades se interseccionam num contexto de sistemas de opressão que é potencializado pela omissão do Estado e que, em um cenário de ampla desigualdade social e econômica, promove adocimentos de várias ordens.

## Contribuição dos autores

Concepção e desenho ou análise e interpretação dos dados, redação do manuscrito, revisão crítica relevante do conteúdo intelectual, aprovação final da versão a

ser publicada e acordo em ser responsável por todos os aspectos do trabalho para garantir que as questões relacionadas à precisão ou integridade de qualquer parte do trabalho sejam investigadas e resolvidas adequadamente: Barros KCC, Moreira RCR, Oliveira JF, Nascimento DFB, Jesus MEF, Ferreira RBS.

## Referências

1. Pereira LI, Mattos DL. Somos humanos na rua, não somos lixo”: análise da Política Nacional para a Pessoa em Situação de Rua e o caso do município do Rio de Janeiro. *Rev Programa Pós-Grad Direito UFC*. 2019;39(1):243-64. doi: <https://doi.org/10.1590/1678-460X2019350413>
2. Barros KCC, Moreira RCR, Leal MS, Bispo TCF, Azevedo RF. Maloca women: experiences in the context of the streets *Rev Enferm Bras*. 2020;19(5):394-402. doi: <http://doi.org/10.33233/eb.v19i5.4025>
3. Sicari AA, Zanella AV. Homeless people in Brazil: a systematic review. *Psicol Ciênc*. 2018;38(4):662-79. doi: [10.1590/1982-3703003292017](https://doi.org/10.1590/1982-3703003292017)
4. Ceccon RF, Meneghel SN. Gender inequities: women with hiv/sida in situation of violence. *Physis*. 2017;27(4):1087-103. doi: <https://dx.doi.org/10.1590/S0103-73312017000400012>
5. Catoia CC, Severi FC, Fimino IFC. “Alyne Pimentel” case: gender violence and intersectionalities. *RevEstudFem*. 2020;28(1):e60361. doi: <https://doi.org/10.1590/1806-9584-2020v28n160361>
6. Barros KCC, Moreira RCR, Leal MS, Bispo TCF, Azevedo RF. Healthcare experiences of homeless pregnant women. *Rev Rene*. 2020;21:e43686. doi: <https://doi.org/10.15253/2175-6783.20202143686>
7. Halpern SC, Scherer JN, Roglio V, Faller S, Sordi A, Ornell F, et al. Clinical and social vulnerabilities in crack users according to housing status: a multicenter study in six Brazilian state capitals. *Cad Saúde Pública*. 2017;33(6):e00037517. doi: <https://doi.org/10.1590/0102-311X00037517>
8. Cassal M, Fernandes T. A população negra em situação de rua e a covid-19: vidas negras importam? *Rev Antrop Arqueo [Internet]*. 2020 [cited Jun 14, 2022];8(1):97-104. Available from: <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/tessituras/article/view/18911>

9. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Censo 2010 [Internet]. 2010 [cited May 16, 2022]. Available from: <http://cidades.ibge.gov.br>
10. Kroef RFS, Gavillon PQ, Ramm LV. Field diary and the researcher's relationship with the theme-field in intervention research. *Estud Pesq Psicol.* 2020;20(2):464-80. doi: <https://dx.doi.org/10.12957/epp.2020.52579>
11. Bardin L. *Análise de conteúdo*. São Paulo: Edições 70; 2016.
12. Kyrrilos GM. Uma análise crítica sobre os antecedentes da interseccionalidade. *Rev Estud Fem.* 2020;28(1):e56509. doi: <https://dx.doi.org/10.1590/1806-9584-2020v28n156509>
13. Omerov P, Craftman AG, Mattsson E, Klarare A. Homeless persons' experiences of health - and social care: a systematic integrative review. *Health Soc Care Community.* 2020;28(1):1-11. doi: <https://doi.org/10.1111/hsc.12857>
14. Esmeraldo AFL, Ximenes VM. Homeless women: psychosocial implications of stigmas and prejudices. *Psicol Cienc Prof.* 2022;42:e235503. doi: <http://doi.org/10.1590/1982-3703003235503>
15. Nardes S, Giongo RC. Homeless women: memories, daily life and access to the public policies. *Rev Estud Fem.* 2021;29(1):e66011. doi: <https://doi.org/10.1590/1806-9584-2021v29n166011>
16. Schuck AL, Gesser M, Beiras A. Dialogues between gender and experiences with the street population. *Rev Psicol Polít [Intenet].* 2020 [cited May 16, 2022];20(48):279-94. Available from: <http://pep-sic.bvsalud.org/pdf/rpp/v20n48/v20n48a03.pdf>
17. Siqueira PM, Hernandez ML, Furtado LAC, Feuerwerker LCM, Moreno HV, Santos HE. "Oh pedaço de mim, oh metade amputada de mim...". *Saúde Redes.* 2018;4(supl1):51-9. doi: <https://dx.doi.org/10.18310/2446-4813.2018v4n1suplemp51-59>
18. Bersani H. Aportes teóricos e reflexões sobre o racismo estrutural no Brasil. *Extraprensa.* 2018;11(2):175-96. doi: <https://dx.doi.org/10.11606/extraprensa2018.148025>
19. Silva TO, Araújo EM, Freitas KS, Silva SSB. Política nacional de saúde integral da população negra: uma proposta de avaliação. *Saúde Debate.* 2021;45(129):354-65. doi: <https://doi.org/10.1590/0103-11042021129102>
20. Novaes ED, Souza SAB, Pereira W. O direito à educação e as possibilidades deressignificações: um relato de experiência com pessoas em situação de rua. *Rev InSURgência.* 2020;5(2):190-214. doi: <http://doi.org/10.26512/insurgencia.v5i2.29081>



Este é um artigo de acesso aberto distribuído sob os termos da Licença Creative Commons